

FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS APÓS A GRANDE RECESSÃO NA EUROPA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Carlos Barros [1,2]

[1] Universidade de Lisboa, Research Center for Psychological Science, Portugal

[2] Universidade Católica Portuguesa, Research Centre for Communication and Culture, Portugal

cbarros@ucp.pt

RESUMO

As mutações socioeconómicas da atualidade obrigam ao repensar dos papéis e o lugar para a família em contextos muitas vezes pautados pela mobilidade dos seus membros. Na relação entre membros da família de gerações que emigraram e os que ficam no país de origem, a solidariedade intergeracional pode desempenhar um papel importante, promovendo o bem-estar e a coesão. É objetivo neste artigo realizar uma revisão sistemática em torno dos termos-chave Família, Emigração e Gerações, circunscrita à investigação europeia, no horizonte temporal da primeira meia década após a recessão (entre 2010 e 2015), de modo a entender as principais tendências teóricas e empíricas em torno deste tema, quando se verifica intensificação de migrações. Foi feito recurso a todas as bases de dados associadas à EBSCO. Os resultados sugerem que existe preocupação crescente com a integração e oportunidades de educação dos mais jovens, emigrantes de segunda geração, mas também um repensar da interligação de prestação de cuidados aos familiares mais idosos que residem no país de origem; bem como as questões de género associadas às oportunidades de sucesso. Somos desafiados a considerar o contexto de memória coletiva social que origina a multiplicidade de estudos sobre as migrações europeias mais recentes.

Palavras-chave: Emigração, Família, Solidariedade intergeracional, Europa.

TRANSNATIONAL FAMILIES AFTER THE GREAT RECESSION IN EUROPE: A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT

Today's socio-economic changes require a rethinking of roles and the place for the family in contexts guided by the mobility of its members. In the relationship between family members of generations who have emigrated and those who remain in the origin country, intergenerational solidarity can play an important role, promoting well-being and cohesion. The aim of this article is to carry out a systematic review around the keywords Family, Emigration and Generations, limited to European research, in the time horizon of the first half decade after the recession (between 2010 and 2015), in order to understand the main theoretical and empirical trends around this theme, when there is an intensification of migrations. All databases associated with EBSCO were used. The results suggest that

there is a growing concern with the integration and educational opportunities of the youngest, second generation emigrants, but also a rethinking of the quality and interconnection of the provision of care to older family members residing in the origin country; gender issues are also an important category. We are challenged to consider the context of social collective memory that gives rise to the multiplicity of studies on the most recent European migrations.

Keywords: Emigration, Family, Intergenerational solidarity, Europe.

1 INTRODUÇÃO

Estudos interdisciplinares nas ciências sociais indicam-nos que, a partir do ano de 2010, assiste-se na Europa a uma vaga migratória que nos remete para um repensar de políticas da família e da integração. A crise financeira global e as políticas nacionais de tentativa de resposta à crise, levaram a que os países tomassem medidas de austeridade assentes na redução de dívidas soberanas, mas aumentando a deteriorização das condições de vida dos cidadãos. Isto refletiu-se numa crise laboral onde se verificou intenso volume migratório internacional (Pires et al. 2020; Ronak, 2015). É, para tal, essencial compreender e acompanhar o fenómeno de modo a dar resposta à integração social, ao modo como as famílias gerem os relacionamentos, a distância ao outro, os afetos e a ligação entre gerações que se encontram mais vulneráveis (Coimbra et al., 2013; Marques, 2006). As políticas vigentes parecem insuficientes para dar resposta e acompanhar as mudanças que se verificam. No caso português em particular, tanto é sobretudo necessário porque a população idosa aumenta drasticamente, enquanto a população ativa diminui, entre outros motivos, por força das migrações, que alteram a distribuição demográfica das faixas etárias e da população ativa/não ativa (MTSS & DGEEP, 2016).

Em definição, emigrante é um indivíduo que vive num país que não aquele onde nasceu – critério da naturalidade – há 12 ou mais meses, ou que espera lá viver por um período não inferior a 12 meses (Miranda & João, 2006; Pires et al., 2015, 2017). Importa tomar consciência destes dados, já que com mais de 2 milhões de emigrantes, Portugal é o país da União Europeia com maior proporção de emigrantes, representando cerca de 20% da população residente (Pires et al, 2017). Os dados mais recentes sugerem uma diminuição discreta de novos emigrantes, situando-se as saídas, no ano de 2018, para cerca de 80.000 cidadãos (Pires et al., 2019). De acordo com um alerta de Pires e colaboradores (2019), do Observatório da Emigração, embora se verifique uma redução, mantém-se elevado o saldo migratório de saídas para a última década. O perfil dos migrantes, no entanto, sofreu alterações substanciais ao longo das décadas. Os portugueses que emigram atualmente são, por comparação com aqueles que emigravam até ao final do século XX, pessoas com elevado capital humano, com habilitações superiores e que constroem projetos migratórios assentes no reconhecimento e investimento profissional, por contraposição ao que o país de origem tem para lhes oferecer para o seu desenvolvimento (Gomes et al., 2015).

Quando analisamos movimentos migratórios, é contudo essencial não dissociar os indicadores macroeconómicos do espaço familiar (Coimbra et al., 2013). Num período mais ou menos alargado, evidencia-se como o único sistema social efetivo de suporte para os seus elementos, sendo um aglomerado de recursos e capitais que cooperam entre si para o bem-estar pessoal e interpessoal (Oliveira, 2007; Walsh, 2016). A família permite assim criar as bases para o expandir consecutivo de redes de socialização em que o indivíduo é influenciado pela rede de relações imediata – o microsistema – que vai expandindo na sua interação até ao macrosistema (Bronfenbrenner, 1979,

1986, 2005; Giddens, 2014). Assim, a família constitui-se como um grupo de referência que, de diferentes formas e ao longo de todo o ciclo vital, evidencia o seu contexto como elemento chave no desenvolvimento da personalidade de crianças, jovens e também de adultos, bem como de aprendizagem intergeracional, com o aprender de papéis e formas de vivência através de processos de estabelecimento de vínculos (Relvas & Alarcão, 2007). As famílias fornecem as redes de laços de interdependência que beneficiam as várias gerações que dela participam (Bengtson & Oyama, 2007).

Os movimentos emigratórios, nomeadamente das figuras parentais, produziram impactos nas relações e dinâmicas familiares, tornando-se relevante analisar as alterações nas estruturas familiares. Destas alterações, destacam-se os processos de separação e recomposição mais frequentes, considerando não só a sua componente sociodemográfica, mas também o impacto psicológico da separação e reunificação nestas famílias (Fonseca et al., 2005). De evidenciar também o papel desempenhado pela família alargada e as relações intergeracionais, sendo que muitas vezes são os avós que prestam suporte aos netos, bem como aos seus próprios filhos, estejam os mesmos no país de origem, ou no país para onde migraram (Albert & Ferring, 2013).

Segundo a literatura, podemos designar esta coesão familiar entre gerações de solidariedade intergeracional (Bengtson & Oyama, 2007). Neste modelo, com quatro décadas de investigação, as famílias são conceptualizadas como redes de relações de interdependência e de suporte mútuo, caracterizadas por dimensões comportamentais e emocionais que estão associadas à interação e suporte mútuo entre familiares de diferentes gerações: avós, pais e filhos (Bengtson & Mangen, 1988; Lowenstein, 2007). A solidariedade intergeracional é multidimensional, integrando classicamente seis dimensões distintas: (a) afetiva, onde se enquadram os sentimentos e satisfação com os laços afetivos; (b) associativa, que nos remete para o tempo e frequência de contacto entre elementos de várias gerações; (c) consensual, que diz respeito à proximidade de opiniões, valores e orientações entre gerações; (d) funcional, que se refere ao receber e dar suporte; (e) normativa, que dita as expectativas referentes às obrigações filiais e parentais, bem como as normas da importância familiar; e, (f) estrutural, refletindo a proximidade geográfica entre os membros da família que pode estar na base da interação entre gerações (Bengtson & Schader, 1982; Roberts et al., 1991). Mais tarde, também a dimensão do conflito foi adicionada, de modo a responder às críticas de autores que consideram que é impossível negligenciar o conflito e a ambivalência das relações familiares intergeracionais (Lowenstein, 2007). Tal é particularmente relevante porque os membros da família de diferentes gerações não só desempenham papéis diferentes no contexto microssistémico, como têm que articular esses papéis com as exigências e desafios impostos pelas alterações macroeconómicas.

A solidariedade intergeracional é, pois, influenciada por aspetos macrossistémicos, refletindo a construção de uma equidade geracional ao longo da extensão do período de vida. As alterações nas estruturas familiares e relacionais, bem como nos padrões de suporte providenciados pelos membros da família de diferentes gerações, visam ajustar-se e muitas vezes compensar as mudanças das responsabilidades e políticas governamentais, de modo a promover o bem-estar dos seus membros. Por esse motivo, as relações intergeracionais familiares são, ao mesmo tempo, dinâmicas privadas, mas também elementos essenciais das agendas políticas e públicas, considerando as dificuldades e potencialidades de cada geração (Bengtson et al., 2000). A este nível, e pensando nos dois grandes fluxos migratórios anteriormente descritos para o contexto nacional, realça-se a questão, por um lado, do suporte aos idosos que ficaram e/ou daqueles que emigraram e, por outro, do suporte dos mais jovens que enfrentam a crise financeira ainda antes ou em plena transição para a vida adulta. A

solidariedade intergeracional pode, deste modo, ajudar a amenizar e gerir as dificuldades criadas pelas alterações macroestruturais sociais que encontram as diferentes gerações, mesmo em situações de migração de alguns dos seus membros (Bengtson et al., 2003; Bengtson et al., 1991; Bengtson & Oyama, 2007).

A solidariedade intergeracional é um elemento importante na construção de projetos migratórios, na medida em que as diferentes gerações se estabelecem como uma rede de suporte ao longo de todo o processo. Assim, a solidariedade intergeracional poderá constituir-se como um mecanismo de proteção que pode promover a resiliência de quem emigra (Coimbra et al., 2013), amortecendo o impacto sobre a saúde mental e o ajustamento externo de indutores de risco associados à emigração, como é o caso do stress associado ao processo de aculturação ao país de acolhimento e a adaptação ao novo estilo de vida.

A literatura científica em torno de famílias e emigração sublinha que a investigação nestes domínios se volta para o desenvolvimento e bem-estar de crianças que integram agregados em que alguma das figuras parentais está emigrada, estabelecendo correlações entre a distância geográfica no exercício da parentalidade, com o surgimento de patologias, nomeadamente, a ansiedade e a depressão. Os estudos revelam que existem padrões de ansiedade e depressão quando apenas parte da família emigra, mas que esta relação diminui quando há reunificação ou emigração de todo o núcleo (Mazzucato et al., 2015; Wen et al., 2015). Por outro lado, a investigação relaciona as variáveis da migração com a saúde mental das figuras cuidadoras das crianças, sejam as avós, seja o pai/mãe que ficou no local de origem (Lu, 2012; Pantea, 2012). Os estudos indicam que há uma prevalência de problemas depressivos em mães que ficaram no país de origem quando o seu companheiro emigrou, havendo, no entanto, interferência de outras variáveis sociodemográficas. Quanto mais alto o nível socioeconómico e o nível sociocultural, menor a correlação positiva (Graham et al., 2015). O género é, aliás, uma variável incontornável no estudo da solidariedade intergeracional, tanto na prestação como na receção de suporte. Existe uma veiculação de valores culturais anexos aos papéis de género, que fazem com que homens e mulheres tradicionalmente desempenhem funções diferentes e complementares nas relações familiares intergeracionais: as mulheres mais cuidadoras de crianças e idosos, sobretudo nas dimensões afetiva e funcional quotidiana associada a tarefas domésticas, e os homens prestadores de um apoio menos intensivo e próximo, sobretudo ao nível funcional financeiro (Coimbra et al., 2013; Gomes et al., 2015).

Quando se trata de figuras cuidadoras externas ao núcleo parental (Lu, 2012), nomeadamente as avós (Pantea, 2012), verifica-se, por um lado, a sensação de desproteção por parte das medidas sociais que visam proteger as crianças quando são afastadas dos seus pais e, por outro, um acompanhamento insuficiente dos serviços sociais para salvaguardar os direitos dos cuidadores. Estes resultados sugerem a importância da articulação entre micro e macrosistemas para a garantia de bem-estar e redução da ambivalência estrutural sobretudo dos grupos mais vulneráveis. A manutenção da solidariedade intergeracional familiar e do bem-estar de cada um dos elementos que nela participam, passa pelo reconhecimento de práticas e estatutos que salvaguardem não só a especificidade de quem é cuidado, mas também dos cuidadores (Connidis, 2015; Lüscher & Hoff, 2013).

Este artigo teve como propósito fazer uma revisão sistemática, de modo a entender quais as principais temáticas e resultados associados à produção científica europeia, nos domínios da emigração, das famílias e da presença da solidariedade intergeracional, nesta meia década após a Grande Recessão,

que refere o ano de 2010 como o ano em que se inicia o grande movimento migratório para contornar as dificuldades financeiras macrossistémicas vividas.

A opção pela análise específica do caso da Europa, deve-se ao facto de ser um espaço de circulação livre de bens, pessoas e serviços, mas que é muito diversa do ponto de vista dos seus valores e políticas internas, o que influencia o modo como é vista a solidariedade.

2 MÉTODOS

2.1 Seleção das bases de dados

A revisão sistemática foi realizada de acordo com regras definidas *a priori*, que permitem entender critérios para a inclusão e exclusão de resultados (Sampaio & Mancini, 2007).

Foram considerados como critérios de inclusão o relacionamento com temáticas sobre a emigração, famílias e gerações, e como critérios de exclusão o não relacionamento com as temáticas em estudo, bem como estudos que não tratem em nenhuma perspetiva a relação com a realidade europeia, ou que tratam apenas gerações, mas sem incluir o critério famílias. A produção restringe-se ao horizonte temporal entre 2010 e 2015. A escolha deveu-se à não existência de um período determinado para retroceder e realizar a revisão, encontrando-se, no entanto, como comum o intervalo de cinco anos para uma amostra significativa dos trabalhos produzidos na área (Cassoni, 2013), onde se acrescentou mais um ano na pesquisa (2016), de modo a captar produções que possam ser referentes ao ano anterior, mas disponibilizadas no ano seguinte. Adicionalmente, este horizonte temporal coincide com o período em que a crise económico-financeira mais se começou a fazer sentir no contexto europeu, influenciando os movimentos migratórios, considerando o próprio ano em que é apontado o início da vaga migratória.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com recurso à base de dados EBSCO. Conduziu-se uma análise alargada em todas as bases de dados associadas, sendo as mesmas: Academic Search Complete; Business Source Complete; CINAHL Plus; eBook Academic Collection; eBook Collection; EconLit; Education Source; ERIC; GreenFILE; MediciLatina; MEDLINE; PsycINFO; Regional Business News; SocINDEX; SPORT Discus; Teacher Reference Center; The Serials Directory e Fonte Acadêmica.

Foi pesquisado o conjunto de termos “emigration” AND “families” AND “generations”. Como era pretendido entender a investigação produzida na Europa, optou-se por incluir apenas todos os países europeus indicados na base dados, bem como a opção pelo filtro “Texto completo”, obtendo um total de 30 resultados. Verificou-se a existência de 9 artigos repetidos, bem como 7 trabalhos que, após analisados, foram excluídos por não obedecerem aos critérios de inclusão e exclusão.

Os 14 trabalhos resultantes da aplicação dos fatores de inclusão e exclusão foram analisados na íntegra. A lista dos artigos analisados pode ser consultada na Quadro 1. O processo de seleção pode ser consultado no fluxograma adaptado PRISMA, como exemplificado por Moher e colaboradores (2009), a seguir apresentado (Figura 1).

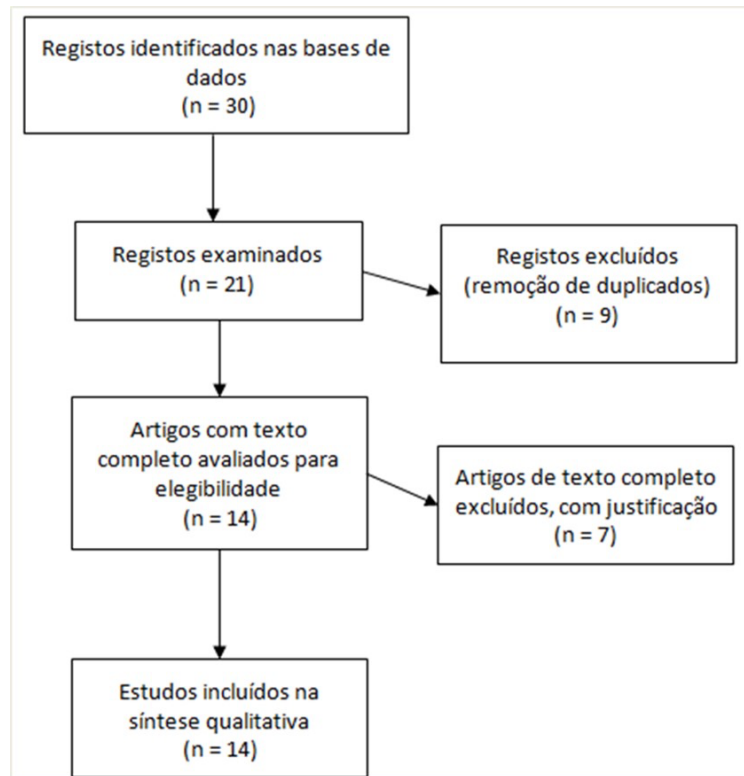


Figura 1 - Fluxograma Prisma

Ano	Título	Revista	Autor	Idioma	Metodologia
2010	Money or Education? Improvement Strategies Among Pakistani Families in Denmark.	Journal of Ethnic and Migration Studies	Rytter, M.	Inglês	Qualitativa
2010	Enabling and constraining aspects of social capital in migrant families: ethnicity, gender and generation.	Ethnic and Racial Studies	Zontini, E.	Inglês	Qualitativa
2010	Children's Schooling and Parental Migration: Empirical Evidence on the 'Left-behind' Generation in Albania.	Labour	Giannelli, G., Mangiavacchi, L.	Inglês	Quantitativo
2010	Intra-Household Conflicts in migration decision making: return and Pendulum migration in morocco.	Population and development Review	Haas, H., Fokkema, T.	Inglês	Qualitativa Quantitativa

Quadro 1 - Identificação dos artigos segundo ano de publicação, título, revista, autor, idioma e metodologia.

2011	Cognitive and Language Skills of Turkish Children in Germany: A Comparison of the Second and Third Generation and Mixed Generational Groups.	International Migration Review	Becker, B.	Inglês	Qualitativa Quantitativa
2011	Money or Education? Improvement Strategies Among Pakistani Families in Denmark.	Journal of Ethnic and Migration Studies	Rytter, M.	Inglês	Qualitativa
2011	Return Visits of the Young Albanian Second Generation in Europe: Contrasting Themes and Comparative Host-Country Perspectives	Mobilities	Vathi, King, R.	Inglês	Qualitativa
2011	Transnationalism and the role of family and children in intra-european labor migration.	European Societies	Moskal, M.	Inglês	Qualitativa
2011	Caribbean Second-Generation Return Migration: Transnational Family Relationships with 'Left-Behind' Kin in Britain.	Mobilities	Reynolds, Tracey	Inglês	Qualitativa
2012	Educational Achievement of Immigrant Adolescents in Spain: Do Gender and Region of Origin Matter?	Child Development	Vaquera, E., Kao, G.	Inglês	Qualitativa Quantitativa
2012	The economic returns of bonding and bridging social capital for immigrant men in Germany.	Ethnic and Racial Studies	Lancee, B.	Inglês	Quantitativo
2013	The Development of The Outhne For Migrant Family Research: The Case of Lithuania.	Journal of Comparative Family Studies	Irena, J.	Inglês	Qualitativa Quantitativa
2014	Transnational networks and transcultural belonging: a study of the Spanish second generation in Switzerland.	Global Networks	Richter, M. Nollert, M.	Inglês	Qualitativa
2015	Social remittances and modifications of polish intergenerational care cultures. Polish migrants in austria and iceland and their elderly parents.	Studia Socjologiczne	Krzyżowski, L.	Inglês	Qualitativa Quantitativa

Quadro 1 - Identificação dos artigos segundo ano de publicação, título, revista, autor, idioma e metodologia (cont.).

2.2 Análise dos Resultados

A metodologia presente nos estudos é predominantemente qualitativa (n=7), com recurso a entrevistas a elementos familiares que participam de projetos migratórios, bem como observação não participante com análise de conteúdo; existem também alguns estudos que recorreram a uma metodologia mista (n=5), com questionários de autorrelato e entrevistas temáticas; e, quantitativa (n=2), com recurso a questionários de autorrelato.

Da análise destes estudos, organizamos os resultados em três categorias principais, seguidamente apresentadas, interrelacionando os resultados na sua globalidade. Tal se deve à existência de temas interseccionais sendo, assim, de difícil dissociação para evitar perspetivas não integrativas do fenómeno migratório, que tende a ser considerado sob pontos não correlacionados para discussão (Castles, 2010). Os metadados de cada artigo que integra os (n=14) resultados pode ser consultado no Quadro 1.

Os pontos de organização de resultados são: *i)* redes de suporte: refletindo a importância de considerarmos as redes familiares enquanto redes primárias de suporte e aprendizagem; *ii)* paradigmas geracionais: destacando a importância da perceção e solidariedade intergeracional enquanto solução descrita na literatura (Bengtson & Oyama, 2007). Ainda, *iii)* influência da parentalidade e género na construção do projeto migratório, tentando apresentar e discutir o papel evidenciado destas normatividades do ciclo familiar (Coimbra et al, 2013; Relvas & Alarcão, 2007).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Redes de suporte

Com a análise dos resultados, verificamos que os movimentos migratórios não originam necessariamente impactos negativos sobre a família. Antes, a família afigura-se como fator de proteção, dado que os eventos potencialmente indutores de risco associados à migração são sobretudo mediados por recursos familiares, a par do significado que os membros das famílias atribuem aos mesmos. O *coping* com os desafios é analisado através do prisma de atividades desenvolvidas pelos membros das famílias em relação aos mesmos, relacionando a avaliação da situação com os recursos pessoais e familiares disponíveis (Juozeliūnienė, 2013).

Contudo, a participação nas redes familiares tem implicações positivas, mas também negativas. Do lado positivo, as famílias parecem favorecer a resiliência dos seus membros e da própria família ao fornecer ajuda emocional e em tarefas práticas, mesmo quando esse apoio é providenciado por familiares que não residem no mesmo país (Zontini, 2010). Do lado negativo, é reportado também sofrimento e conflitos causados pela quebra de expectativas – frequentemente acompanhada de sentimentos de culpa e arrependimento. Estes resultados sugerem a pertinência de se considerar a dimensão do conflito e o estudo da ambivalência nas relações intergeracionais (Lowenstein, 2007).

A ausência de identificação coletiva com o país para onde migraram é outro fator interveniente na construção de redes familiares e comunidades fortes e com interdependência estreita (Rytter, 2010). Este fator está particularmente associado a grupos étnicos fortes, que tendem a preservar a coesão da comunidade e normas partilhadas à custa de alguma imunidade à influência do país de acolhimento (Zontini, 2010).

No entanto, verificou-se que, de uma forma geral, a criação de redes de suporte com integração de nativos torna-se uma mais-valia para o desenvolvimento de capital social e humano de migrantes, mesmo que de modo “forçado”, seja por circunstâncias laborais ou por qualquer forma institucional. Assim, mesmo não havendo total identificação de valores entre migrantes e nativos, verifica-se que os migrantes potencializam a sua adaptação e também a da sua família no novo país de residência quando existe uma maior proximidade cultural, sobretudo na construção de status profissional que potencializa a construção de redes de suporte (Lancee, 2012). A interligação entre a dimensão consensual e funcional da solidariedade intergeracional afigura-se, assim, como determinante nas famílias migrantes. A resiliência destas famílias parece passar por uma aproximação aos valores culturais da sociedade de acolhimento, como meio de garantir a criação de redes de suporte mais imediatos e proximais, o que implicará, por conseguinte, uma diminuição de partilha de valores e de trocas de apoio entre as diferentes gerações da mesma família.

3.2 Paradigmas Geracionais

A literatura indica-nos a necessidade de compreender a relação entre migrantes de primeira geração, que se estabeleceram no país que os acolheu, com a segunda geração, dos seus filhos (Haas & Fokkema, 2010; Reynolds & Tracey, 2011; Richter & Nollert, 2014), bem como com a geração ascendente, que é usualmente idosa e vive no país de origem (Krzyżowski, 2015).

No que toca à construção de famílias transnacionais, os emigrantes de primeira geração de finais do século XX apresentam-se como elementos importantes na manutenção relacional e suporte financeiro dos seus pais e gerações ascendentes mais idosas no país de origem (solidariedade funcional), funcionando em conjunto com os cuidadores no país de origem, como um recurso importante para garantir o melhor suporte possível para os membros idosos e que necessitam de cuidados especiais (Krzyżowski, 2015). Adicionalmente, proporcionam também a estes a aquisição de novos valores socioculturais advindos da sua experiência migratória (solidariedade consensual).

Para os migrantes de segunda geração, sublinha-se a importância das visitas à terra natal dos pais no estabelecimento e continuidade nos laços transacionais, existindo algum condicionamento não só do número, mas do tipo de intercâmbio em reuniões de membros da família que têm diferentes perceções e experiências de mobilidade. Dependendo do número, da frequência e a duração das visitas realizadas ao país de origem, as mesmas têm impacto diferenciado sobre a identidade dos adolescentes/jovens adultos, a sua perceção da terra natal e os laços sociais e afetivos que estabelecem com as origens familiares (Rytter, 2010). O aumento de reunião das famílias nos países de destino e a morte dos membros das gerações antigas no país de origem, colocam em causa a identificação da segunda geração com o país de origem dos seus pais, considerando que o regresso definitivo destes últimos ao seu país de origem é também pouco provável nos tempos próximos. Assim, a distância geográfica (solidariedade estrutural) e a diminuição do contacto transnacional (solidariedade associativa) (Vathi & King, 2011) afiguram-se como obstáculos à solidariedade intergeracional nestas famílias.

Neste contexto, é fundamental compreender a relação entre migrantes de primeira geração e os de segunda geração no que diz respeito à ponderação de regresso ao país de origem da primeira. Usualmente, a primeira geração providencia recursos como o cuidado, segurança, sensação de pertença e bem-estar, ajudando os de segunda a adaptarem-se ao país onde cresceram e muitas vezes nasceram. Por sua vez, a segunda geração é encarada pela primeira como elemento-chave para a

manutenção do seu próprio bem-estar, nomeadamente, no suporte em fazer face a adversidades, solidão e isolamento, resultantes da distância afastamento de outros familiares. No entanto, não é incomum a manutenção de contacto com o país de origem por parte dos migrantes de primeira geração para ajudar a manter uma rede de suporte, caso algum elemento da família decida regressar (Reynolds & Tracey, 2011).

Os eventos biográficos estão fortemente associados ao desenvolvimento de redes de contactos e à sensação de pertença da segunda geração. Apesar da rede de contactos ser herdada dos pais, a segunda geração precisa de se apropriar da sua própria rede de contactos potenciais para transformá-la em recursos reais. O processo de apropriação é o que dá vida à rede de contactos e a torna emocionalmente importante e potencialmente ativável em situação de necessidade (Reynolds & Tracey, 2011; Richter & Nollert, 2014). Tanto a sua própria, como a rede de contactos e a percepção de pertença ao país de origem e ao de acolhimento dos seus pais são determinantes na articulação de redes de contactos transnacionais e na percepção de pertença transcultural dos migrantes de segunda geração. Uma vez que não existe uma relação de causalidade entre a rede de contactos e percepção de pertença de ambas as gerações, pode afirmar-se que elas são independentes ainda que correlacionadas (Richter & Nollert, 2014).

Por fim, verifica-se a presença da migração pendular, com temporadas no país de origem, e também no país para onde emigraram, mantendo, no entanto, o segundo país como residência oficial e habitual. O estudo desenvolvido por Hass e Fokkema (2010), indica-nos que isso acontece porque os homens emigrados quando se reformam tendem a querer voltar ao seu país de origem, enquanto as mulheres tendem a querer ficar no país de acolhimento. Esta diferença de género deve-se à crença, por parte das mulheres, que o país de acolhimento lhes oferece mais oportunidades sociais e económicas e também porque entendem que tem de ser respeitado o processo de aculturação dos seus filhos, em particular daqueles que já nasceram no país para onde migraram.

Assim, o objetivo da (re)unificação das famílias (na europa) tende a dar poder às mulheres e filhos, que geralmente se opõem ao regresso e forçam os homens a adotar estratégias pendulares que acabam por englobar a participação do núcleo familiar. As mulheres têm menos poder na decisão de emigrar, quando comparado com os esposos, mas são elas quem mais pesam na decisão de permanecer no país para onde migraram (Haas & Fokkema, 2010).

3.3. Influência da parentalidade e género na construção do projeto migratório

Na literatura, as crianças são identificadas como familiares importantes na construção de projetos migratórios. Os pais que decidem emigrar constroem esse projeto, não apenas (nem fundamentalmente) baseados nas suas próprias expectativas pessoais e profissionais de sucesso, mas também considerando que a migração dos seus filhos, enquanto crianças, pode ser favorável à sua integração na sociedade contemporânea, para que se desenvolvam num local que consideram como seguro e com possibilidade de estabilidade a longo prazo (Moskal, 2011). Usualmente, uma das figuras parentais emigra primeiro, segue-se a segunda e só depois a criança que fica temporariamente com outras figuras cuidadoras, como os avós. Verifica-se a preocupação por parte das figuras parentais em construir projetos migratórios contemplando a idade das crianças, em particular atendendo à sua educação formal, prioridade para o capital humano, oportunidades futuras e bem-estar (Giannelli & Mangiavacchi, 2010; Moskal, 2011).

Contudo, no caso de crianças e jovens que têm pais emigrados e que ficam ao cuidado dos avós sem previsão de reunificação familiar, verifica-se que existe maior insucesso escolar. Neste padrão, são observadas diferenças de género: o impacto é maior em raparigas do que em rapazes. Este resultado pode dever-se à substituição da figura parental por homens mais velhos que têm uma visão mais tradicional ou mesmo discriminatória das mulheres. O efeito negativo é também maior nas áreas rurais, o que pode ser explicado pela necessidade dos jovens ajudarem no trabalho agrícola devido à ausência do pai (Giannelli & Mangiavacchi, 2010).

Uma outra tendência prende-se com a análise do sucesso escolar de crianças/jovens migrantes com as crianças/jovens nativas. Verifica-se que os que têm melhores resultados e que, por isso, saem menos prejudicados na comparação, são os filhos com uma figura parental migrante e uma outra nativa. No entanto, denota-se, mais uma vez, diferença de géneros, desta vez não associada à segunda geração (das crianças) (Vaquera & Kao, 2012), mas à primeira (dos seus pais e mães): as crianças filhas de pais homens migrantes têm melhores resultados, enquanto as crianças filhas de mulheres migrantes têm piores resultados. Apesar deste padrão de resultados ainda não ter suscitado necessidade de alteração de planos pedagógicos, chama claramente a atenção para a falta de acesso à educação e à formação pela parte das mulheres migrantes, seja no país de origem, seja no país de acolhimento (Becker, 2011).

4 CONCLUSÕES

A revisão sistemática permitiu-nos uma aproximação à literatura produzida no contexto europeu em torno das questões da relação entre família, emigração e relações intergeracionais numa perspetiva multidisciplinar associada às ciências sociais e humanas. Destacam-se, ao longo da análise dos resultados, os domínios psicológicos associados aos sociológicos e demográficos, em que é possível compreender como se processa o fenómeno das migrações associadas à família, integrando a perspetiva intergeracional. Deste modo, verificamos que as trocas de apoio ocorrem no domínio privado das dinâmicas de funcionamento familiares, mas que estas são indissociáveis de características demográficas dos seus membros, em particular as associadas ao género e nível socioeconómico e cultural, assim como das circunstâncias macroeconómicas e das políticas públicas transnacionais e dos países de origem e de acolhimento.

A solidariedade intergeracional verifica-se como um mecanismo indispensável à manutenção e equilíbrio de várias gerações na superação de dificuldades. Na presença de migrações na família, compreendemos que é, efetivamente, essencial para a construção de uma rede de suporte e de capital humano suficiente e sustentável.

O suporte que cada uma das gerações presta aos seus grupos mais vulneráveis, combinando familiares emigrados e residentes no país de origem, potencia o ajustamento externo, sobretudo educativo e profissional, assim como o ajustamento interno, em termos de bem-estar e resiliência (Walsh, 2020). O estabelecimento e manutenção de vínculos de interdependência visa promover a resiliência da família enquanto grupo, mas em particular de cada um dos seus membros. A cooperação entre a primeira geração de emigrantes para com a segunda, bem como para com os familiares ascendentes, mais idosos, que ficaram no país de origem é bem ilustrativo deste fenómeno.

Este estudo evidenciou também a não linearidade ou uniformidade das dimensões da solidariedade intergeracional e do seu impacto nas trajetórias de primeiras e segundas gerações de migrantes. Veja-se, como exemplo, o caso dos emigrantes de primeira geração que prestam suporte aos seus

ascendentes no país de origem (solidariedade funcional), mas também evidenciam valores culturais dissonantes da mesma (solidariedade consensual). Esta distância cultural, favorecida pela distância geográfica e menor possibilidade de convivência, pode ser intensificada nos migrantes de segunda geração, o que pode originar conflito (solidariedade conflito) ou mesmo a quebra de laços ou autonomia intergeracional. Contudo, noutras famílias, sobretudo quando o projeto passa pelo retorno ao país de origem, existe uma criação de rede de contactos e sentimento de pertença tanto nos migrantes de primeira, como de segunda geração. Assim, se existem migrantes que começam a desvincular-se das suas origens, aquando da ausência de contacto com o seu país de origem, existem outros que fomentam a criação de laços e o sentimento de pertença e de identificação com tanto com o país de origem, como com o país de acolhimento, podendo contribuir ativamente na construção das famílias transnacionais.

A migração com movimentos pendulares, numa sociedade globalizada, constitui um projeto *sui generis* neste contexto e uma alternativa potencializadora da construção de redes familiares interculturais e transnacionais que beneficiam tanto a resiliência da família como um grupo, como de cada um dos seus elementos: a combinação da identificação com o país de origem e de acolhimento e criação e manutenção de redes de suporte em ambos os contextos, sustentada por contactos intermitentes, mas contínuos, que possibilitam a comunicação e, consecutivamente, uma rede de capital e solidariedade intergeracional.

O género é uma variável incontornável na literatura da solidariedade intergeracional e surge como evidente também nesta revisão sistemática relativa à migração, tanto para as figuras cuidadoras de primeira geração e ascendente, como para as figuras beneficiárias desse cuidado no país de origem e acolhimento. As figuras cuidadoras do género feminino parecem, por um lado, mais favorecidas pelos valores de género potencialmente mais igualitários vigentes nos países de acolhimento, mas também menos protegidas em termos macrossistémicos (e.g., leis de guarda para as avós, acesso à educação e à formação). Nas figuras beneficiárias de cuidado, parece evidente que o afastamento das figuras parentais prejudica mais o desempenho das meninas do que dos meninos, talvez pelo maior conservadorismo e machismo de gerações mais idosas.

A família mostra-se como uma rede importante de trocas de apoio entre os seus membros, contribuindo para a construção de resiliência em situação de migração e/ou da crise económica que normalmente a motiva. Os resultados evidenciam que a distância geográfica e a diminuição de contacto são obstáculos importantes neste contexto, mas não incontornáveis, dependendo o efeito da dimensão estrutural e associativa do reforço da solidariedade funcional, normativa e afetiva.

Verificou-se, como principal limitação do estudo, o pouco volume de estudos em revisão aquando da consulta das bases de dados. A literatura que forneça contexto ao impacto das migrações pode ser determinante na compreensão de processos educativos, sociais, culturais, psicológicos, sociológicos ou mesmo demográficos. Assim, estudos futuros deverão continuar a explorar a diversidade de experiências associadas à solidariedade intergeracional familiar em situação de migração no contexto europeu, nomeadamente tendo em linha de conta aquele que pode ser o efeito da maior proximidade ou afastamento dos valores culturais e leis de suporte formal entre o país de origem e o de acolhimento. Igualmente, também importa mapear e criar registos sócio contextuais que permitam o estudo de valores e significados, que se alteram com o distanciamento temporal do contexto de crise financeiro mais agudo, bem como é que a ciência europeia produz conteúdos concretos sobre o suporte familiar entre gerações.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que a presente investigação não possui nenhum conflito de interesse, bem como não existe qualquer apoio financeiro associados ao resultado da investigação.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à FCT pelo financiamento do projeto de doutoramento sob referência PD/BD/128345/2017, que permitiu esta análise.

REFERÊNCIAS

- Albert, I., & Ferring, D. (2013). Grandparent-grandchild relations in a changing society: Different types and roles. In I. Albert & D. Ferring (Eds.), *Intergenerational relations: European perspectives in family and society* (pp. 147-165). Policy Press.
- Becker, B. (2011). Cognitive and language skills of Turkish children in Germany: A comparison of the second and third generation and mixed generational groups. *International Migration Review*, 45(2), 426-459.
- Bengtson, V. L., Biblarz, T., Clarke, E., Giarrusso, R., Roberts, R., Richlin-Klonsky, J., & Silverstein, M., (2000). Intergenerational relationships and ageing: Families, cohorts, and social change. In Claire, J. M., & Allman R. M. (Eds.), *The gerontological prism: Developing interdisciplinary bridges* (pp.115-148). Baywood.
- Bengtson, V.L., Lowenstein, A., Putney, N.M. & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein. (Eds.), *Global aging and challenges to families* (pp. 1-24). Aldine de Gruyter.
- Bengtson, V. L. & Mangen, D. J. (1988). Family intergenerational solidarity revisited. In D. J. Mangen, V. L. Bengtson & P. H. Landry (Eds.), *Measurement of intergenerational relations* (pp. 222-238). Sage Publications.
- Bengtson, V. L., Marti, G., & Roberts, R. E. L. (1991). Age group relations: Generational equity and inequity. In K. Pillemer & K. McCartney (Eds.), *Parent-child relations across the lifespan* (pp. 253-278). Lawrence Erlbaum Associates.
- Bengtson, V. L., & Schrader, S. S. (1982). Parent-child relations. In D. J. Mangen & W. A. Petersen (Eds.). *Research instruments in social gerontology* (pp.115-186). Univ. of Minnesota Press.
- Bengtson, V. L., & Oyama, P. S. (2007). *Intergenerational solidarity: Strengthening economic and social ties*. United Nations. https://www.un.org/esa/socdev/unyin/documents/egm_unhq_oct07_Bengston.pdf
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.22.6.723>
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Biological perspectives on human development*. Sage Publications.
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.
- Castles, S. (2010). Understanding Global Migration: A Social Transformation Perspective. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36(10), 1565-1586.
- Coimbra, S., & Mendonça, M. G. (2013). Intergenerational solidarity and satisfaction with life: Mediation effects with emerging adults. *Paidéia*, 23(55), 161-169. <https://doi.org/10.1590/1982-43272355201303>
- Coimbra, S., Ribeiro, L., & Fontaine, A. M. (2013). Intergenerational solidarity in an ageing society: Sociodemographic determinants of intergenerational support to elderly parents. In I. Albert & D. Ferring (Eds.), *Intergenerational relations: European perspectives on family and society* (pp. 205- 222). The Policy Press.
- Connidis, I. A. (2015). Exploring ambivalence in family ties: Progress and prospects. *Journal of Marriage and Family*, 77(1), 77-95. <https://doi.org/10.1111/jomf.12150>

- de Haas, H., & Fokkema, T. (2010). Intra-household conflicts in migration decisionmaking: Return and pendulum migration in Morocco. *Population and Development Review*, 36(3), 541-561.
- Fonseca, M., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., & Martins, F. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Giannelli, G. C., & Mangiavacchi, L. (2010). Children's schooling and parental migration: Empirical evidence on the 'left-behind' generation in Albania. *Labour*, 24(s1), 76-92. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9914.2010.00504.x>
- Giddens, A. (2014). *Sociologia* (9th Ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes R. M., Lopes, J. T., Vaz, H., Cerdeira, L., Ganga, R., Machado, M. L., Magalhães, D., Cabrito, B., Patrocínio, T., Silva, S., Brites, R., & Peixoto, P. (2015). *Fuga de cérebros: Retratos da emigração portuguesa qualificada*. Bertrand Editora.
- Graham, E., Jordan, L. P., & Yeoh, B. S. (2015). Parental migration and the mental health of those who stay behind to care for children in South-East Asia. *Social Science & Medicine*, 132, 225-235. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.10.060>
- Juozeliūnienė, I. (2013) The development of the outline for migrant family research: The Case of Lithuania. *Journal of Comparative Family Studies*, 44(6), 749-763. <https://doi.org/10.3138/jcfs.44.6.749>
- Krzyżowski, L. (2015). Social remittances and modifications of polish intergenerational care cultures. Polish migrants in Austria and Iceland and their elderly parents. *Studia Socjologiczne*, 217(2), 99-118.
- Lancee, B. (2012) The economic returns of bonding and bridging social capital for immigrant men in Germany. *Ethnic and Racial Studies*, 35(4), 664-683. <https://doi.org/10.1080/01419870.2011.591405>
- Lowenstein, A. (2007). Solidarity-conflict and ambivalence: Testing two conceptual frameworks and their impact on quality of life for older family members. *The Journals of Gerontology: Series B*, 62(2), 100-107. <https://doi.org/10.1093/geronb/62.2.S100>
- Lu, Y. (2012). Household migration, social support, and psychosocial health: The perspective from migrant-sending areas. *Social Science & Medicine*, 74(2), 135-142. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2011.10.020>
- Lüscher, K., & Hoff, A (2013). Intergenerational ambivalence: Beyond solidarity and conflict. In I. Albert, & D. Ferring (Eds.). *Intergenerational relations: European perspectives on family and society* (pp. 39-63), Policy Press. <https://doi.org/10.1332/policypress/9781447300984.001.0001>
- Marques, R. (2006). Os fluxos migratórios: Da gestão a uma melhor integração. In Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social & Direção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento (Eds.), *Confrontar a transformação demográfica: Uma nova solidariedade entre gerações*. Direção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento.
- Mazzucato, V., Cebotari, V., Veale, A., White, A., Grassi, M., & Vivet, J. (2015). International parental migration and the psychological well-being of children in Ghana, Nigeria, and Angola. *Social Science & Medicine*, 132, 215-224. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.10.058>
- Miranda, J. & João, M. I. (2006). *Identidades nacionais em debate*. Celta.
- Moher, Liberati, Tetzlaff & Altman, The PRISMA Group (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med* 6(7): e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Moskal, M. (2011) Transnationalism and the role of family and children in intra-European labor migration. *European Societies*, 13(1), 29-50.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social & Direção-Geral de Estudos (Eds.), (2016). *Estatística e Planeamento (Setembro 2016) Boletim estatístico*. Direção Geral Estratégia e Estudos e Planeamento. <http://www.gep.mtsss.gov.pt/documents/10182/10925/beset2016.pdf/7570a229-5951-49e7-b337-f5427e7027f1>
- Oliveira, B. (2007). *Factores preditores de empregabilidade de migrantes*. Associação de Solidariedade Internacional.
- Pantea, M. (2012). Grandmothers as main caregivers in the context of parental migration. *European Journal of Social Work*, 15(1), 63-80. <https://doi.org/10.1080/13691457.2011.562069>

- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Espírito-Santo, I., Vidigal, I., & Ribeiro A., C. (2015). *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2015*. Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. <https://doi.org/10.15847/CIESOEMRE022015>
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. M. (2017). *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2017*. Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. <https://doi.org/10.15847/CIESOEMRE042017>
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. M. (2019). *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2019*. Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. <https://doi.org/10.15847/CIESOEMRE062019>
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. M. (2020). A emigração portuguesa no século XXI. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 94, 9-38.
- Relvas, A.P., & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. Quarteto.
- Reynolds & Tracey (2011). Caribbean second-generation return migration: Transnational family relationships with 'left-behind' kin in Britain. *Mobilities*, 6(4), 535-551. <https://doi.org/10.1080/17450101.2011.603946>
- Richter, M. & Nollert, M. (2014). Transnational networks and transcultural belonging: A study of the Spanish second generation in Switzerland. *Global Networks*, 14(4), 458-476. <https://doi.org/10.1111/glob.12044>
- Ronak, Z. (2015). An empirical analysis of the vulnerability of the GCC countries to the financial crisis of 2008. *Skyline Business Journal*, 11(1), 72+. <https://link.gale.com/apps/doc/A469850572/AONE?u=anon~a1ce1413&sid=googleScholar&xid=e7798448>
- Roberts, R. E., Richards, L. N., & Bengtson, V. (1991). Intergenerational solidarity in families: Untangling the ties that bind. *Marriage & Family Review*, 16(1-2), 11-46. https://doi.org/10.1300/J002v16n01_02
- Rytter, M. (2010). A sunbeam of hope: negotiations of identity and belonging among Pakistanis in Denmark. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36(4), 599-617. <https://doi.org/10.1080/13691830903479407>
- Sampaio, R. F., Mancini, M. C. (2007) Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 15(1), 83-89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- Vaquera, E., & Kao, G. (2012). Educational achievement of immigrant adolescents in Spain: Do gender and region of origin matter?. *Child development*, 83(5), 1560-1576. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2012.01791.x>
- Vathi, Z. & King, R. (2011) Return visits of the young Albanian second generation in Europe: Contrasting themes and comparative host-country perspectives. *Mobilities*, 6(4), 503-518. <https://doi.org/10.1080/17450101.2011.603944>
- Walsh, F. (2016). Family resilience: a developmental systems framework. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(3), 313-324. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1154035>
- Walsh, F. (2020). Loss and resilience in the time of COVID-19: Meaning making, hope, and transcendence. *Family process*, 59(3), 898-911. <https://doi.org/10.1111/famp.12588>
- Wen, M., Su, S., Li, X., & Lin, D. (2015). Positive youth development in rural China: The role of parental migration. *Social Science & Medicine*, 132, 261-269. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.07.051>
- Zontini, E. (2010). *Transnational families, migration and gender: Moroccan and Filipino women in Bologna and Barcelona* (Vol. 30). Berghahn Books.